

ASPECTOS ETNOLINGUÍSTICOS NO ROMANCE *CASSACOS*,
DE CORDEIRO DE ANDRADE

Vitória Ramos (SEDUC)
airotivsomar@hotmail.com

1. Introdução

Adentrar no universo da literatura brasileira é uma “aventura” que pode nos levar a grandes descobertas, pois a cada instante somos surpreendidos por pérolas linguísticas e literárias em meio à grande vastidão de obras que compõe a produção artístico-literária nacional.

As notícias sobre a biografia e autobiografia do autor de *Cassacos* ainda são escassas. Dos dados disponibilizadas na Wikipédia, colhemos informações de que Cordeiro de Andrade, poeta e jornalista, é o típico sobralense que sempre buscou envolver-se em assuntos de cunho social, através de suas investidas jornalísticas. Fundou, em Sobral, o jornal *O Debate* que lhe rendeu algumas polêmicas, fazendo com que o mesmo decidisse viajar (ou um forçoso exílio) para o Rio de Janeiro, onde trabalhou no *Jornal O Globo* e participou como colaborador das revistas *Fon-Fon*, *A Vanguarda*, *A Pátria*, *Meio-dia* e *Dom Casmurro*. Além do romance *Cassacos*, publicado em 1934, também escreveu outros romances *Brejo* (1936), 1940 publica o romance *Tônio Borja* (1940), *Anjo negro e ainda as obras O Mundo sem luz* e *Os Dois Mestres*. O monsenhor F. Sadoc de Araújo, em 1985, publicou o livro *Cordeiro de Andrade, Jornalista Perdido na Ficção*, em que traz estudo sobre a vida e obra ficcional de Cordeiro de Andrade.

O livro *Cassacos* é uma dessas pérolas da literatura brasileira. Prosa de cunho literário regionalista, apresenta uma linguagem marcada pela oralidade regional e pelo engajamento em assuntos políticos e sociais. Tendo como mote a seca de 1919, o livro narra a saga dos retirantes que abandonavam suas terras e seus pertences partindo em busca tão simplesmente de preservar a sua própria vida. O cenário escolhido pelo autor é a cidade de Sobral, localizada na mesorregião noroeste do estado do Ceará, terra de destaque do nosso semiárido. Mesmo distante de sua terra, Cordeiro de Andrade ocupa-se em retratá-la, como o faz no romance *Cassacos*, seu principal livro em prosa, sobre o qual trata nosso estudo, tentando fazer um levantamento dos aspectos telúricos ou culturais, literários, linguísticos e ideológicos presentes na obra.

Nossa proposta contempla dois momentos de análise. Primeiro tratamos do regionalismo literário, mostrando as especificidades e as características em comum que o livro possui com as demais produções literárias regionalistas. Um segundo momento é dedicado a analisar a obra em si, através de um apanhado do léxico, das fraseologias, dos costumes e credences, bem como dos aspectos fitogeográficos da região.

2. Regionalismo literário

O regionalismo literário é marca recorrente na produção literária brasileira de 1930. Com uma total atenção voltada para a realidade brasileira local, a prosa literária possuía uma clara intenção de denúncia social e engajamento político, cujo cenário era marcado pela ditadura militar e pelas oligarquias estaduais, nomeadamente, as do Nordeste, ao mesmo tempo em que se disseminavam ideais comunistas como forma de atingir um nível de justiça social em nosso país.

Segundo Massaud Moisés, o romance, em virtude de suas características estruturais, pode facilmente se colocar a serviço de uma causa social, política ou ideológica. Quando isso acontece, enquadra-se como uma arte chamada de compromissada, engajada ou dirigida (2006, p. 168). No romance de 30, podemos, facilmente observar, o uso da literatura como forma de engajamento social e defesa de ideologias.

O romance *Cassacos* de Cordeiro de Andrade, marcado pelo tom regional, não fugiu a essa função social que a literatura é capaz de assumir: o engajamento em questões regionais. Com a construção de um personagem defensor do comunismo, ou através das muitas conversas dos retirantes acerca do “Doutô Comunismo”⁵², como assim o chamavam, o autor defende, como seu *alter ego*, a causa ideológica e social frente à questão das Secas, conforme podemos depreender do excerto abaixo:

Tomára que venha é um tal de doutô comunismo, que falam por aí, protetor de pobre, só de pobre, a ver si a gente tem trabalho, sem aturas as ingrisias dos brancos relaxados. É um doutô de fóra, que faz tudo que os pobres precisam, de fê que nem pai. Eu, como só me dou melhor com os viajantes, que chegam de fóra, tenho um bemquerer danado por este ente, que uma feita, até, sonhei com êle, no meio do povo, com pena da gente ... Eu sei que o vigário e os brancos, são mal com êle, mas não m'importo. Quero bem a êle e não négo,

⁵² Muitos retirantes, em virtude da ignorância acerca de assuntos políticos e sociais, achavam que Comunismo era uma pessoa e não uma corrente ideológica.

quéro, de coração. Santo Antônio tem um xenxén, no dia da chegada dêle. (p. 22/23)

Assim, encontramos a forte expressão do regionalismo literário a serviço da denúncia social, da luta de classe, através da representação do desejo de justiça por parte da população, percebidos na fala das personagens. Para os anos 30, do século passado, em pleno período getulesco, constituiu-se um avanço um autor cearense tratar de uma categoria como *luta de classes, recorrendo ao texto romanesco, apoiando-se, explicitamente, numa fala carregada de da doutrina marxista*, em que aflora, no enredo, conflito de interesses entre classes sociais, especialmente entre o proletariado, representado pelos retirantes, e a burguesia, representada pelas oligarquias.

2.1. O romance regional de 30

O romance de 30 retrata um Brasil multifacetado, com grande diversidade regional e cultural, mas que apresenta problemas semelhantes em quase todas as regiões nas quais se divide. Questões como a seca, a miséria, a ignorância, a opressão nas relações de trabalho marcam a literatura, com a produção de um romance de cunho ideológico, carregado de uma análise sociológica e psicológica das personagens.

Alfredo Bosi, ao se reportar ao romance de 30, fala acerca de uma “literatura social” que promove a mistura um relato pitoresco com a reivindicação política. Argumenta ainda o autor que a literatura da época, ultrapassa o viés da ficção e passa a assumir um grande valor documental (BOSI, 1993, p. 481). Esta assertiva nos leva a supor que o romance *Cas-sacos* pode, no âmbito da periodização literária, ser situado como um romance moderna, ainda com as feições pré-modernas ou mesmo naturalistas do início, como podemos atestar em romances como *Luzia-Homem*, do Domingos Olímpio, publicado, em 1903 e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902, embora apenas este último seja canonizado pela crítica literária mais ortodoxa e estilística.

2.2. A temática das secas na prosa cearense

No Nordeste, e em especial no Ceará, o romance regional apresenta como principal *leitmotiv* a seca e suas desastrosas consequências para o homem do campo. Na vasta produção literária da época, encontramos o homem castigado pelo meio ambiente, sofrendo com a migração compulsiva.

sória e assistindo, impotente, à devastação de sua gente, de sua terra, de seus bens.

Diante da vasta produção literária que aborda temas regionais, sobretudo as secas nordestinas, Bosi (1993) categoriza um regionalismo menor responsável pela incorporação dessas obras na crítica literária, onde ao certo poderíamos citar, no primeiro momento, o romance *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade. Senão, vejamos:

Tiveram numerosa prole romances que encarnavam um regionalismo menor, amante do típico, do exótico, e vazado numa linguagem que já não era acadêmica, mas que não conseguia, pelo apego a velhas convenções narrativas, ser livremente moderna. (BOSI, p. 481)

Dessa forma é que encontramos em nossa literatura tão vasta produção de autores que entraram para o cânone literário e outros que protagonizam esse chamado regionalismo menor, não por possuir menor importância literária, mas por voltarem-se ao pitoresco, ao específico de cada região, como é o de *Cassacos*.

2.3. *Cordeiro de Andrade e a prosa de 30*

Enquanto que no campo literário nacional, já se consagravam grandes nomes como Rachel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Dionélio Machado, dentre outros, com não menos importância encontramos na prosa de 30 grande “prole de romances”, como assim designou Bosi, e de autores que não tiveram grande destaque no cenário nacional, mas que representam significativa contribuição à produção literária do nosso país. “Não haveria mãos a medir se se pretendesse aqui arrolar os autores que das várias partes do país concorreram para engrossar esse gênero de ficção” (BOSI, 1993, p. 481).

Dentre esses se encontra, primeiramente, acreditamos, Domingos Olímpio, autor de *Luzia-Homem*, e Cordeiro de Andrade. No caso de Cordeiro de Andrade, a distância espacial de Sobral, sua terra natal, não suficiente para que deixasse de nutrir forte sentimento regionalista, ou que, chamamos de telurismo literário, em que podemos, através do enredo de sua obra, observar a influência da linguagem e da cultura regional sobre seu caráter, enquanto autor, e a reprodução dos costumes de seu povo através da fala de seus personagens. A esse respeito, o crítico Eduardo Campos afirma que, “O romancista cosmopolita, transmudado para o asfalto, não encontra condições para disfarçar a marca quente regional;

os modismos de seu território geográfico.” (CAMPOS, 1978, p. 68). Em *Cassacos*, Cordeiro de Andrade expressa seus sentimentos e postura crítica diante de sua terra, castigada pela seca, e de sua gente, abandonada à própria sorte.

2.4. O tema de *Cassacos*

Para Aristóteles (2005, p. 3), a arte literária é dotada do princípio da verossimilhança, entendida aqui como a coerência entre fatos e ideias presentes numa obra literária, ainda que os elementos imaginosos ou fantásticos sejam efetivamente determinantes e determinados no texto. É a verossimilhança, que confere à obra uma aproximação da realidade. Em *Cassacos* esse princípio ganha maior expressão à medida que faz um relato do flagelo da seca, tendo como pano de fundo a consagrada “Cidade da Januária”⁵³, como assim o autor, se refere, historicamente, à cidade de Sobral.

Estabelecendo um diálogo intertextual com *Luzia-Homem* de Domingos Olímpio, obra e autores intencionalmente citados explicitamente no enredo de *Cassacos* (p. 148 e 149). Com tal procedimento discursivo, cremos que Cordeiro de Andrade propõe, com seu romance, afirmar-se como autor de texto portador de uma linguagem simples, regionalística, receptiva de outras obras consagradas pela crítica literária e que mostra, à sua maneira, a terra e o homem nas suas mais fortes expressões de contato com o meio ambiente físico e cultural.

O alcance de *Cassacos* chega à história cearense, Cordeiro de Andrade não nos nega saber, por exemplo, dos acontecimentos históricos que marcam o ano de 1919 para Sobral. Arrolados nesse contexto, está a expedição britânica de observação do eclipse solar⁵⁴ acontecido naquele ano e que teve em Sobral o melhor ponto de observação.

A seca, o ambiente físico, a vida, os costumes, as crenças, as inquietações sociais são, pois, o tema da narrativa de *Cassacos*, além de

⁵³ Fidelíssima Cidade Januária de Acaraú ou simplesmente Cidade da Januária era o nome da cidade de Sobral até o ano de 1842. O nome Januária é uma alusão à Princesa Januária, irmã de D. Pedro II.

⁵⁴ Em 29 de maio de 1919, ocasião em que acontecia um eclipse solar, encontrava-se em Sobral a Expedição Britânica do Eclipse Solar, com o objetivo de observar a distorção que a luz sofre ao chegar ao Planeta Terra. Tais observações comprovaram a Teoria da Relatividade de Einstein.

nos permitir, mesmo que através da ficção, uma retomada histórica de fatos marcantes da vida e do desenvolvimento cultural da região sobralense.

3. Aspectos telúricos em *Cassacos*

Em se tratando dos aspectos telúricos abordados por Cordeiro de Andrade, importa levarmos em conta não somente os fatores ambientais geográficos. O telurismo associa-se mais profundamente à relação do homem com o ambiente, entendendo que essa relação pode desencadear um profundo sentimento de afetividade. A respeito do telurismo na obra *Cassacos*, Eduardo Campos afirma que:

O sentimento telúrico é mais subjetivo do que objetivo: algo que se imagina existir, porém rigorosamente desponta mais nas atitudes afetivas, humanas, dos personagens criados em função do meio ambiente – o sertão –, do que propriamente em razão da autenticidade da fitofisionomia desfrutável. (1993, p. 146)

Para fins de uma proposta pedagógica de estudo iremos decompor o Romance *Cassacos* em três eixos temáticos: *a terra, o homem e a cultura*.

3.1. A Terra

Relacionados ao primeiro eixo, a terra, o romance nos remete a aspectos biogeográficos do semiárido, descrevendo um ambiente castigado pela seca. Ao longo da obra é comum encontramos os elementos da natureza descritos em seu fulgor típico dos períodos de estiagem, ao mesmo tempo em que parecem insensíveis aos sofrimentos causados pela seca: “Um vento bruto, amalucado, morno, judiava com os galhos secos das árvores, que estalavam de dor, varria o chão com muita perícia, deixando-o limpinho como um terreiro de fazenda em dia de festa de casamento.” (p. 77)

Em outros momentos, abusando de uma linguagem poética, os elementos sol, lua e terra são retratados ostentando sua força, sua supremacia diante do homem, dos animais e da vegetação:

“A lua parece um dia de clara, sem chorar” (p. 20);

“O sol cor de melão maduro” (p. 37);

“A terra pegando fogo” (p. 37);

“A lua botou a cabeça de fora... uma cara de gente velhaca” (p. 58)

“O sol tinha de quente” (p. 65);

“O sol fazia-se de esponja, lavando o assoalho de vidro do céu” (p. 77);

“O sol brincava de fazer fogueira...” (p. 118).

Atentando para a vegetação, Cordeiro de Andrade nos apresenta a diversidade de espécies encontradas na região sobralense usando o artifício literário de conferir sentimentos a esses elementos da natureza. Um rápido exame do vocabulário e das construções frasais da obra indicam-nos um cenário onde carnaubeiras cantam e/ou choram sua tristeza, como podemos observar nas descrições: “As carnaúbas esguias cantavam ao redor, tristemente” (p. 55); e “As carnaubeiras choravam a angústia de não poder furar as nuvens” (p. 94).

Acompanhando as carnaubeiras e não menos sofridas que elas, o romance aponta para uma rica variedade vegetal. A título de exemplificação, a partir de recenseamento das espécies assinaladas na obra, deparamo-nos com a presença de, pelo menos, sessenta tipos diferentes de angiospermas, especialmente as floríferas, arroladas, alfabeticamente, no quadro a seguir.

Nº	Espécie Vegetal	Nº	Espécie Vegetal
01	Aguapé	31	Melancia da praia
02	Angico	32	Melão de são caetano
03	Araruta	33	Mucunã
04	Arnica	34	Mufubo
05	Aroeira	35	Mussambês
06	Babosa	36	Oiticica
07	Cajazeira	37	Palmas de catolé
08	Carnaúba	38	Palmeiras
09	Cardo Santo	39	Palmito
10	Capim santo	40	Palmito branco
11	Catingueiras	41	Paú-branco
12	Cipó de raposa	42	Pau mocó
13	Chique-chique	43	Pé de borboleta
14	Fedegoso	44	Pé de jerimum
15	Gameleiras	45	Pé de rosa-franca

16	Grãos-de-bode	46	Pé de pimenta longa
17	Jasmim de cachorro	47	Quebra-pedra
18	Jatobá	48	(Raiz de) capemba
19	Juazeiro	49	Rama de canafistula
20	Jurema	50	Remela-de-macaco
21	Mandacaru	51	Resedá
22	Mandioca	52	Sabiá
23	Mangerioba	53	Sabugueiro
24	Maniçoba	54	Salsa
25	Manjerição	55	Sangicos
26	Maracujá	56	Sarabanda
27	Marizeiros	57	Tamarindeiro
28	Mata-bode	58	Trapiá
29	Mata-fome	59	Tingui
30	Mata-pastos	60	Unhas-de-gato

Quadro 1

Mas, a região Norte do Ceará não apresenta diversidade apenas vegetal. O elemento animal também é observado ao se descrever as vítimas do flagelo da seca. Encontramos o gado morrendo de fome, sem pastos, sem água para beber. A doença o ataca na forma de “bicheiras” e desnutrição que os leva ao estágio final da vida: a dor da morte. Hoje, sabemos que essas “bicheiras”, na verdade, são designações comuns às larvas de moscas causadoras de miíase, uma afecção parasitária devida à infestação dos tecidos ou cavidades do corpo dos animais por larvas de insetos. As bicheiras são também como bicho-de-vareja, coró, morotó, taperu, tapicuru, tapuru, vareja e verme.

A miséria de uns, entretanto, é responsável pelo ápice da felicidade de outros. Enquanto morre o gado, os urubus fazem festas com a bonança que lhes chega ao subir do solo o odor dos corpos podres dos animais caídos mortos.

Dividindo espaço com o gado e urubus, e não menos sofridos que os primeiros, encontram-se assinalados no romance *Cassacos* 32 espécies, a saber:

Nº	Espécie Animal	Nº	Espécie Animal
01	Abelhas	17	Maracajá
02	Asa-branca	18	Maria-judias
03	Avoante / Pomba do juremal	19	Miúça
04	Bacorinho	20	Mossorondongos
05	Bentivi	21	Mutuca
06	Bode	22	Papa-arroz
07	Caçote	23	Papagaio
08	Caga-fogo	24	Paturis
09	Casacas-de-couro	25	Peririguás
10	Cavalo	26	Pintos
11	Cericoras	27	Quem-quem
12	Cobra	28	Raposa
13	Fogo-pagou	29	Saguis
14	Gado (rezes, bois)	30	Tetêu
15	Galinha	31	Urubu
16	Jumento	32	Vagalumes

Quadro 2⁵⁵

Encontramos ainda o elemento água, presente na obra, seja por sua ausência causadora do estado de miséria; seja por sua pouca existência, nas recorrências aos Rios Acaraú e Jaibas e à construção do açude de Forquilha.

3.2. O Homem

No segundo eixo, o homem ou os próprios ‘*Cassacos*’, podemos situar uma crítica social pautada nos ideais comunistas, defendidos pelo autor. Esse homem é mostrado com fortes inclinações a valores sociais de pureza e castidade como indícios de honra familiar. No entanto, é a fome que vai defini-lo em sua maior expressão.

⁵⁵ O quadro 2 apresenta um recenseamento das espécies animais que aparecem no livro *Cassacos* de Cordeiro de Andrade. Procuramos ser fiel à grafia usada pelo autor.

Os trens despejavam, diariamente, na cidade, chusmas de retirantes, de todas as espécies e de todas as idades. Povo sem sexo. Eram, apenas, os *Cassacos*. Esfarrapados, os olhos compridos de fome, engolindo cuspo, mastigando vento, corriam os olhos súplices pelos tabuleiros, sortidos de broas, que se enfileiravam em linha reta, estação em fora. (p. 53)

Por tratar de uma situação vivenciada por milhares de pessoas ao mesmo tempo, o romance não apresenta personagens principais que protagonizam o enredo. Segundo Denis Melo, professor e historiador da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, o personagem principal da obra é a própria seca, pois é nela que está centrado o foco narrativo do enredo.

Do ponto de vista da onomástica, em que nos é, também, possível um estudo antroponímico, podemos definir três núcleos familiares que nos apresentam o cenário de fome e miséria, presentes em *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade. Vejamos:

Núcleo familiar	Genitor(a)	Descendentes por gênero e grau de parentesco	
		1. D. Benvinda	Benvinda (mãe)
2. D. Marina	Mariana (mãe)	Roseno (filho)	Tereza (filha)
3. D. Pedrosa	Zé pedrosa (pai) Rosa Pedrosa (mãe)		Marocas (filha) Chiquinha (filha)

Quadro 3⁵⁶

Destacam-se ainda outros personagens que também ajudam a retratar a vida nesse contexto de flagelo social. Dentre esses Hormindo, o farmacêutico, que desenvolve importante papel cuidado dos retirantes no campo de concentração.⁵⁷ Hormindo também apresenta fortes inclinações para o jornalismo. Hormindo é, na verdade, seu *alter ego*. É através dos artigos escritos por esse personagem que o autor faz denúncia social com relação ao descaso do governo com o clima de miséria estabelecida.

Coronel Chico Paulino, sua filha Polidora, Dr. Eduardo Siqueira, Zuca Fiscal, Cego Marcelino, João Parajara e Pedro Xingu também são personagens que dão sua contribuição e emprestam suas características verossímeis para contar-nos acerca da seca de 1919.

⁵⁶ Relação onomástica dos núcleos familiares dos personagens de *Cassacos*.

⁵⁷ Nome dado ao lugar onde ficavam alojados (ou amontoados) os retirantes que chegavam a Sobral.

3.3. A Cultura

Em terceiro, intimamente ligado ao eixo homem, observamos a cultura popular das credices ou superstições, do uso da vegetação como rica fonte de cura e, especial destaque, a linguagem regional que permeia o texto mostrando a fala do povo local, com suas características típicas e expressões idiomáticas que denunciam o modo de viver e as concepções de mundo dos personagens.

Um levantamento detalhado do léxico da obra nos permitiria adentrar num universo vocabular bem particular e que desnudaria a singularidade da linguagem do nordestino, mais precisamente do povo sobralense de 1934. Apresentamos a seguir um pequeno apanhado desse léxico, onde estão dispostas palavras e expressões que se perderam no tempo com a evolução da forma e outras ainda comuns nos dias atuais e que aparecem listadas, algumas delas, no *Atlas Linguístico do Ceará* – ALECE, 2010.

Nº	Palavras e Expressões Regionais	Nº	Palavras e Expressões Regionais
01	Adjuntório	49	Imprialzinho
02	Afoíteza	50	Indagorinha
03	Afoito	51	Ingrisias
04	Amuada	52	Inhaca
05	Antonte	53	Inhora (senhora)
06	Arenga	54	Lajedos
07	Arredar o pé	55	Latada (alpendre)
08	Arribou	56	Mancebo (apego)
09	Baticum de boca	57	Manipuera
10	Bilros	58	Meizinhas
11	Bocó	59	Miolo
12	Bofes	60	Misgo
13	Bredo	61	Mocotós
14	Bufete	62	Molecote
15	Cabelo na venta	63	Moncheinha (mão cheia)
16	Cabiloro grosso	64	Muchinga
17	Cabra (homem/caboclo)	65	Mucubu
18	Cabresto de couro cru	66	Mundiça do dinga

ANAIIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

19	Capiongo	67	Musga (música)
20	Capote de oitão	68	Nas buchas
21	Caqueiou	69	Nestante
22	Carimã	70	Pabulagem
23	Cheirosa (cadeia)	71	Pinotes
24	Chouto	72	Pangolando
25	Cabelo na venta	73	Pê do gogó
26	Coivara	74	Peior
27	Combuca	75	Pilora
28	Cuias	76	Pontada nas cruces
29	Cunhã	77	Potocas
30	Cutruvia	78	Pustema
31	Diachos	79	Quezília
32	(Dores nas) cadeiras	80	Retretas
33	Embiocada	81	Taipa
34	Entonce	82	Taludos
35	Escambichou	83	Tamborete
36	Escandeloso	84	Taramela
37	Esconjuro	85	Ternantonte
38	Espiava	86	Tomando fâro
39	Estrepolias	87	Trouxa
40	Estrompado	88	Veneta
41	Feme	89	Versidade (diversidade)
42	Fora de hora	90	Vexame
43	Fuá	91	Vexar
44	Furdunço	92	Vige (Virgem)
45	Fuzuê	93	Xenxém
46	Gretinha	94	Zarioio
47	Grolado	95	Zimboléus
48	Guenzas	96	Zoró

Quadro 4⁵⁸

Uma segunda, e não menos importante, maneira de expressão da fala é o uso de expressões idiomática que consistem em um grupo de palavras – expressões – que não podem ser tomadas em seu sentido literal, conforme define Martins (2010). Do romance *Cassacos* selecionamos as expressões idiomáticas a seguir:

Nº	Expressões Idiomáticas	Valor Semântico
01	Aqui não morreu galego não	Morte do galego implica em dívidas que não serão pagas
02	Botar pra roer	Fazer ciúmes
03	Botei sal na moleira	Fazer alguém ficar desconfiado
04	Em riba das ventas	Muito perto
05	Ganhar o brêdo	Fugir
06	Ficar no óra e veja	Ficar desamparado
07	Meia grosa de bolos	Pisa
08	Mijou fôra do cáco	Agiu desacordo com as leis e/ou trair
09	Não cabe nem cabeça de alfinete	Local muito cheio
10	Pagar o milho que a cabra comeu	Sofrer como consequência de ato praticado
11	Ruim como os seiscentos	Refere-se à opressão social vivida na Idade Média
12	Tá quebra não quebra a tira	Está quase morrendo
13	Um saltinho de pulga	Muito perto / Demora pouco tempo

Quadro 5⁵⁹

A recorrência ao uso dessas expressões é bem marcante na região de Sobral desde os tempos remotos até os dias de hoje, conforme comprova Martins (2009) em recente estudo em que conseguiu compilar mais de 600 expressões idiomáticas e organizá-las em um documento ao qual nomeou CEIS 2009 (Corpus de Expressões Idiomáticas de Sobral).

⁵⁸ O quadro 4 apresenta um apanhado do léxico que compõe a fala das personagens do livro *Cassacos* de Cordeiro de Andrade. Procuramos ser fiel à grafia usada pelo autor.

⁵⁹ O quadro 5 apresenta um apanhado das expressões idiomáticas que compõe a fala das personagens do livro *Cassacos* de Cordeiro de Andrade. Procuramos ser fiel à grafia usada pelo autor, bem como atribuir um significado a partir do contexto de uso na fala dos personagens.

Ainda tratando da cultura do semiárido sobralense, não podemos deixar de falar nas crendices populares, nas superstições e da fé que movem as personagens de *Cassacos*. Dentre essas crendices, destacamos aquelas que os levam a acreditar que não haverá inverno. A principal delas destacada no texto é o fato de que a “coroa do Menino Deus” caiu durante a procissão. Segundo a tradição local, quando isso acontece, o ano é de seca. Assim como essa, relacionamos as principais crendices, superstições e crenças:

Nº	Sinais de Seca
01	A coroa do Menino Deus cair na procissão (p. 13)
02	O relâmpago no Piauí (p. 15)
03	O canto da coruja “Uma coruja passou, rasgando mortalha” sinal de “agoiro” (p. 15)
04	O canto do urubu (p.16)
05	Tingá cantar nas cajazeiras (p.16)
06	Estrelas no céu ao meio-dia (p.20)
07	Mata-pastos “fulorando” (p. 20)
	Sinais de Chuva
01	As Três Marias “mudarem para baixo” (p. 113)
02	O Caminho de Santiago desaparece para o sul (p.184)
	Feitiçarias para não chover⁶⁰ (“Quando o nascente pega a ficar bonito” p. 23)
01	Botar os potes na bica (p. 23)
02	Queimar palha benta (p. 23)
03	Rezar a <i>Magnífica</i> (p. 23)
	Costumes e Profecias
01	Benzer-se três vezes, beijando três vezes as extremidades dos dedos
02	Experiência de Santa Luzia (p. 16)
03	Dar três pancadas na parede com a mão aberta
04	Rezar o terço implorando por chuva
05	Profecia de frei Vidal Penha de que Sobral vai acabar com um dilúvio. (p. 78)

⁶⁰ Alguns personagens mais crédulos acreditavam que a seca era causada por obra de feitiçaria encomendada pela classe social abastada que não tinha compaixão dos pobres retirantes.

Quadro 6⁶¹

Como último elemento cultural presente na obra, destacamos a medicina popular utilizada pelos retirantes que, na condição de fitoterapeutas natos, desenvolviam suas “meizinha” à base da vegetação local e de materiais colhidos em seus próprios terreiros, como por exemplo, excrementos de animais. Observemos a lista de “mezinhas” utilizadas pelos retirantes em *Cassacos*:

Nº	Medicina Popular / Mezinhas (geralmente indicadas para problemas respiratórios)
01	“Cozimento de angico e sabugueiro, misturado com arnica”
02	“Cozimento de jasmim de cachorro”
03	“Banho de fedegoso”
04	“Chá de quebra-pedra com pimenta longa”
05	“Chá de capim santo misturado com aconito”
06	“Chá de porqueira de cachorro misturada com barata torrada”
07	“Sebo quente nas pisaduras do cavalo”

Quadro 7⁶²

Os elementos citados nos quadros acima, associados a muitos outros presentes na obra compõem um ambiente de intenso valor regional que fortalece a cultura local, sobrevivendo ao longo dos anos e que define o homem dentro de sua regionalidade.

4. Conclusão

Bem mais que um simples representante da literatura regional de 1930, o romance *Cassacos* configura-se numa forte expressão da cultura do semiárido, em especial da mesorregião sobralense, trazendo para a literatura as peculiaridades da terra, assim como do povo, de seus costumes, tradições e crenças, que ora encontram-se imortalizados nos textos de Cordeiro de Andrade.

⁶¹ O quadro 6 apresenta as principais credices e superstições apresentados na obra *Cassacos*, principalmente no que diz respeito aos sinais de seca ou de chuva.

⁶² O quadro 7 apresenta as principais um resumo da medicina popular fitoterápica utilizada pelos personagens na obra *Cassacos*.

Através de uma linguagem bem peculiar, Cordeiro de Andrade nos deixou um grande romance regional que, bem mais do que representar o flagelo da seca, consegue nos envolver em uma atmosfera rural em que a natureza também parece expressar seus sentimentos através das múltiplas ações em que incorporam sentimentos e expressões humanas como nos trechos “as carnaúbas cantam tristemente” e “o sol brinca de fazer fogueira”.

É por esses motivos que podemos afirmar que, ao lado de *Luzia-Homem* de Domingos Olímpio, *Cassacos* se constitui uma grande expressão da literatura sobralense, e por que não dizer, da literatura nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos*. Rio de Janeiro: Andersen, 1934.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruma. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005
- BESSA, José Rogério Fontenele. (Coord.). *Atlas linguístico do Estado do Ceará*. Vol. 2. Fortaleza: UFC, 2010b.
- _____. *Atlas linguístico do Estado do Ceará*. Vol. 1. Fortaleza: UFC, 2010a.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAMPOS, Eduardo. *A memória imperfeita: ideias, fatos e costumes*. Fortaleza: UFC, 1993.
- CAMPOS, Eduardo. *Complexo de Anteu: ensaios*. Fortaleza: UFC, 1978.
- MARTINS, Vicente. A expressão de violência no idiomatismo brasileiro. *Revista Philologus*, Ano 16, nº 47. Rio de Janeiro: CIFEFIL, maio/ago.2010.
- MARTINS, Vicente. *Corpus de expressões idiomáticas de Sobral – CEIS*. Sobral: UVA, 2009. (versão mimeografia)
- MELO, Dênis. *O (i)maculado Cordeiro*. Disponível em: <<http://revistafamigerado.com/um/cdeandrade.htm>>. Acesso em: 26-04-2011.

ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

MOISÉS, Massud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. ver. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. *A criação literária: prosa I*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.